

REFLEXO DAS ÁREAS DE ATIVIDADES HUMANAS NOS GÊNEROS DE DISCURSO

Maria Teresinha Py ELICHIRIGOITY (Universidade Católica de Pelotas)

ABSTRACT: *This article tells us how a research about the student's difficulties in writing revealed the existence of emergent speech genres in the university - as they are the reflection of the human activities, constantly renewed – and they represent ways of interaction in the academic environment, where the texts were written.*

KEYWORDS : *human activities; speech genres; interaction.*

0. Introdução

Este artigo representa uma reflexão a respeito de um trabalho apresentado em 2001 sobre o movimento do texto na universidade o qual, por sua vez, se baseava nos resultados de outra pesquisa sobre dificuldades de produção textual escrita de caráter dissertativo-argumentativo apresentadas por alunos de graduação da Universidade Católica de Pelotas. Naquele primeiro momento de pesquisa, o que nos preocupava, além de investigar e identificar tais dificuldades, era conscientizar os professores das diversas áreas de conhecimento sobre a importância de uma orientação objetiva para melhoria do trabalho escrito dos alunos, assim como sugerir medidas possíveis para solucionar problemas detectados. Após a análise do corpus que constou de 151 textos oriundos de sete áreas de conhecimento do CNPq, por meio da participação de sete cursos de graduação, elaboramos uma tabela que pudesse orientar para a refacção do texto, abrangendo em primeiro lugar, aspectos de conteúdo e idéias; em segundo, organização e forma e, por último, convenções da escrita. Na ocasião, contamos com 16 professores colaboradores, mas a falta de carga horária invalidou a proposta de Grupos de Trabalhos e o uso das planilhas que, apesar de nossa tentativa de simplificação, pareceram bastante complexas para eles, professores oriundos de outras áreas de conhecimento, exigia, realmente, um trabalho meticuloso tanto por parte desses professores quanto dos alunos. Além disso, os alunos deveriam estar motivados para refazer o texto, de acordo com a orientação da planilha. Mas esse processo necessitaria, para se completar, que o texto refeito pelo aluno fosse também relido e reavaliado pelo professor. Na verdade, todo o sistema conspirava contra essa proposta de processo de amadurecimento da escrita: professores sem tempo de ler os trabalhos e com dificuldade de proceder a orientação objetivamente, alunos escrevendo apenas para provas e obtenção de notas. Além dessa constatação, o que valeu, efetivamente, foi a descoberta de outro aspecto inesperado: o que pensavam os professores dos diferentes áreas de conhecimento ser um texto dissertativo-argumentativo apresentado por seus alunos, ao mesmo tempo em que se verificou, realmente, que gêneros discursivos escrevem os alunos, ao longo de seus cursos. Então, agora, à luz de princípios bakhtinianos, talvez possamos refletir melhor sobre o que está acontecendo no ambiente acadêmico que possa originar os gêneros discursivos apresentados como exemplos, naquela ocasião.

1. A idéia de gêneros do discurso como reflexo de práticas sociais

Ao focalizar o problema dos gêneros do discurso, Bakhtin (1986:60) diz que a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são ilimitadas por dois motivos: primeiro, porque as possibilidades de atividade humana são inesgotáveis e os integrantes de cada esfera de atividade humana, constantemente, geram enunciados (orais ou escritos) únicos e concretos; e, segundo, porque cada esfera de atividade contém um repertório inteiro de gêneros de discurso que se diferenciam e se desenvolvem à medida que essa esfera particular se amplia e se torna mais complexa.

Então, chama-se gênero do discurso *tipos relativamente estáveis de enunciados* cujas características do conteúdo temático, do estilo lingüístico (ou seja, a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e, acima de tudo, de sua estrutura composicional fundem-se a aspectos que são determinados pela natureza específica da esfera particular de interação social.

Devido à extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso, poderia parecer que não há um nível comum único pelo qual eles pudessem ser estudados. Mas Bakhtin (1986:61) considera dois tipos de discurso: o primário (simples) e o secundário (complexo). O que muda, na verdade, é o grau de complexidade da circunstância de interação social e a forma como o discurso é apresentado. Assim, no processo de formação, os gêneros secundários do discurso - como as novelas, o teatro, todos os tipos de discurso resultantes de pesquisa científica, os grandes gêneros de exposição de idéias etc. - surgem principalmente escritos e em circunstâncias de uma interação cultural (artística, científica, sócio-política, etc.) mais complexa e evoluída com relação aos gêneros que lhe deram origem. Isso quer dizer que os

gêneros secundários “absorvem e transmutam” os gêneros primários que se constituíram em circunstância de uma interação verbal espontânea.

Os gêneros primários, que se caracterizam por sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (como a réplica do diálogo cotidiano, a carta – eu diria, hoje, acrescentando gêneros da cultura eletrônica, o e-mail, a teleconferência, o chat e assim por diante), poderiam ser inseridos, por exemplo, em outros gêneros mais complexos. Assim, todos os gêneros secundários (nas artes e nas ciências) incorporam tanto os gêneros primários do discurso na construção do enunciado como a relação entre estes gêneros primários (os quais se transformam em função das transformações das práticas sociais). Recorre-se, então, principalmente nos gêneros discursivos escritos, a recursos lingüísticos que tentam acomodar e, por vezes, subtrair essas vozes que teimam em se mostrar, fenômeno que pode ajudar a entender a complexidade do que se compreende como um sujeito cindido, heterogeneidade discursiva, polifonia e dialogismo.

Além disso, é essa inter-relação entre gêneros primários e secundários e o processo histórico da formação dos gêneros secundários que esclarece a natureza do enunciado e permite perceber a correlação entre língua, ideologias e visões do mundo.

O enunciado, então, é visto por Bakhtin (1986:67) como uma unidade de interação discursiva, diferente, portanto, das unidades da língua: as palavras e as orações. Isso porque a oração só poderá funcionar como enunciado completo ao se tornar individualizada, e ser abstraída de uma situação concreta de comunicação verbal.

Para Bakhtin (1997:298), cada obra de construção complexa tem como sujeito falante o autor, que manifesta sua visão de mundo, o que distingue esta obra das outras obras com as quais se relaciona dentro de uma dada esfera cultural, quer como apoio ou oposição. Portanto, toda obra tem também uma relação dialógica com as outras obras-enunciado. Para que se alcance o acabamento do enunciado (que proporciona a possibilidade de compreender de modo responsivo), há três fatores ligados em seu todo orgânico:

- a) o tratamento exaustivo do objeto do sentido;
- b) o querer-dizer do locutor (intuito discursivo);
- c) a escolha de um gênero discursivo (formas estáveis do gênero do enunciado).

Sendo assim, definida a temática, a individualidade do sujeito se adapta ao gênero discursivo determinado em função da especificidade de uma dada área da comunicação (ibid.,1997:301). Essas áreas ou esferas da comunicação verbal, há tanto tempo delineadas por Bakhtin, parecem corresponder ao que hoje, no Brasil, Marcuschi¹ cita como *domínios discursivos*:

“Usamos a expressão domínio discursivo para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas”. (Marcuschi, 2003:24)

Marcuschi não usa a terminologia gênero do discurso, mas gênero textual. Ele parte do pressuposto básico de que toda comunicação verbal se realiza a partir de algum gênero, assim como também é impossível a comunicação verbal sem algum texto. Daí a comunicação verbal somente ser possível mediante algum gênero textual e, segundo ele, essa posição também é defendida por Bakhtin (1997). Mas se o texto verbal (parte do núcleo duro da comunicação) só se constitui a partir do uso efetivo da língua, da relação entre diálogos e lugares sociais, não será ambígua a terminologia “gênero textual” quando queremos nos referir ao gênero do discurso que se constitui justamente na exterioridade da língua, na interação social, suas necessidades e seu condicionamento histórico, apesar de ter sua materialidade no texto? Essa terminologia (gênero textual), apesar de compreendermos a intenção de Marcuschi, parece estar compactando, de uma forma simplista, níveis diferentes da estruturação da linguagem verbal.

Bakhtin (1997), realmente, se preocupa com o problema do texto e o considera como “mônada específica que refrata (no limite) todos os textos de uma dada esfera....Interdependência de sentido (na medida em que se realiza através do enunciado)” (p.331). Além disso, ele analisa a bipolaridade do texto. Por um lado, cada texto pressupõe o uso de uma língua, um sistema convencional além de elementos que se poderiam chamar de técnicos (aspecto técnico da grafia, da elocução etc.). Tudo

¹ MARCUSCHI, L. A. . Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. . *Gêneros textuais & ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

isso é reproduzível e repetitivo. Essas unidades da língua cumprem sua função lingüística e se definem por relações de oposição, comutação, distribuição etc. Por outro lado, o autor fala sobre o texto em sua qualidade de enunciado, considerando-o, por esse prisma, como único, irreproduzível (embora possa ser citado) e individual. Aqui, o que liga as unidades de comunicação (os enunciados) é uma relação dialógica.

Lê-se também em Bakhtin (1997:312) que, no gênero, a palavra comporta certa expressão social porque os gêneros correspondem a circunstâncias e temas típicos da interação verbal, o que acarreta significações específicas da palavra com relação à realidade concreta. É como se fosse uma superestrutura da palavra, porque essa expressividade típica do gênero não pertence à palavra como unidade da língua, e não entra na composição de sua significação, mas apenas reflete a relação que a palavra e sua significação mantêm com diferentes práticas de interação social. A experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua com os enunciados individuais do outro. Bakhtin (ibid, p.314) julga isso um processo de assimilação mais ou menos criativo, das palavras do outro (e não das palavras da língua). Por outro lado, as diferentes classes sociais têm registros de língua diferentes. Bakhtin considera a ideologia como um reflexo das estruturas sociais; portanto, diferentes classes sociais possuem ideologias diferentes, o que acarreta modificações nos gêneros discursivos e na língua, também.

Como conceitua Bakhtin (1995:44), o signo é “o resultado de um consenso entre os indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação”. Portanto, “as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece”. Isso significa que qualquer mudança dessas condições ou organização, ocasiona uma modificação do signo. Existe uma mudança social do signo lingüístico num processo de refração realmente dialético do ser no signo.

Criticando todos os procedimentos formalistas de análise lingüística (fonéticos, morfológicos e sintáticos), Bakhtin enfatiza que a unidade da língua, a enunciação, seja ela constituída por uma palavra, uma frase ou seqüência de frases, não existe fora de um contexto social e histórico e, portanto, é ideológica.

Para Bakhtin, o psiquismo interage com a ideologia constantemente e de uma forma dialética. Isso porque o signo ideológico se realiza no psiquismo e, por sua vez, a realização psíquica - como forma superior, que implica a consciência de classe, atividade mental do “nós”- se sustenta na ideologia.

Tudo isso significa que “o pensamento não existe fora de sua expressão potencial e, por conseqüência, fora da orientação social dessa expressão e do próprio pensamento”. No entanto, “cada campo de criatividade ideológica tem a sua própria função no conjunto da vida social (representação do símbolo religioso, da fórmula científica, da forma jurídica, etc.), ainda que todos tenham o mesmo caráter semiótico”.

Por outro lado, a compreensão se manifesta através de um material semiótico, no qual um signo somente adquire valor por sua relação com determinantes históricos. Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual a consciência individual, ligando-as em processo de interação de onde emergem os signos. Assim, para Bakhtin, diferentemente da filosofia idealista e do psicologismo, a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico.

Se os signos só podem aparecer em um terreno interindividual, é bom esclarecer que essa relação deve ser constituída por indivíduos socialmente organizados, para que possam criar um sistema de signos. Isso porque, conforme o materialismo histórico, a consciência individual nada pode explicar, mas, ao contrário, ela própria deve ser explicada a partir do meio ideológico e social. Assim, “a consciência individual é um fato socio-ideológico” (ibid, p.35). A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica (ibid., p.36) cujos elementos reagem sempre que há uma modificação da infra-estrutura, ou seja, no processo sócio-econômico.

Então, o que nos interessa, é saber como a infra-estrutura (a realidade) determina o signo e como o signo reflete e refrata a realidade em transformação, considerando-se a palavra como o signo por excelência. Ora, acontece que as lentas mudanças sociais se acumulam na palavra, até que adquiram um novo caráter ideológico. Existe, então, um “inconsciente coletivo” (a psicologia do corpo social) que se exterioriza na palavra, no gesto, no ato. E, com base no materialismo histórico, Bakhtin (1985:42) caracteriza todas as formas e meios de interação verbal entre os indivíduos como determinadas pela estrutura sócio-política que, por sua vez, deriva das relações de produção.

Portanto, todos os contatos verbais (no trabalho, na vida política, na criação ideológica) obedecem essa “alma coletiva”- a psicologia do corpo social – que é o meio ambiente inicial dos atos de fala de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta que caracterizam a fala do cotidiano, o discurso interior, e a consciência auto-

referente, a regulamentação social etc. Assim, a psicologia do corpo social (teoria de Plekhánov²), considerada pelos marxistas como uma espécie de elo entre a estrutura sócio-política e a ideologia (no sentido estrito do termo- arte, ciência etc) manifesta-se nos mais diversos aspectos da enunciação, sob a forma de diferentes modos de discurso, interiores, exteriores. Esse conceito de uma possível ideologia do cotidiano, que permite a interação entre os homens, independentemente de sua esfera ideológica, como se vê, remete a conceitos posteriores, formulados pela Análise do Discurso (AD) da linha francesa, como por exemplo, as idéias de interdiscurso e formação discursiva.

Além disso, Bakhtin (ibid., p.43) preocupa-se com a pesquisa das formas concretas da expressão da psicologia do corpo social, isto é, com as formas de comunicação no contexto da vida e através de signos. A tipologia dessas formas é um dos problemas vitais para o marxismo, porque ancorada no campo da práxis.

Por outro lado, Bakhtin, em conexão com o problema da enunciação, aborda o problema dos gêneros discursivos. Considera então, a comunicação sócio-ideológica de cada grupo social em sua época, o que resulta num repertório de formas de discurso. A cada forma de discurso social corresponde um grupo de temas. Assim, entre as formas de interação verbal, a forma de enunciação e o tema existe uma unidade orgânica indestrutível que se baseia no componente hierárquico do processo de interação verbal - ou seja - o domínio das relações sociais sobre as formas de enunciação.

Embora pouca ou nenhuma referência seja feita a Bakhtin, muito dessa teoria toda surge na AD francesa, por exemplo, quando, nas formações discursivas, se considera o que pode ou não ser dito. E Bakhtin (ibid., p.44) fala, ainda, no “horizonte social de uma época e de um grupo social”, responsável pela inserção dos grupos de objetos que darão origem aos signos, assim como pela atribuição do valor que afeta o conteúdo desses signos. Para que esses objetos, pertencentes a qualquer esfera da realidade se insiram no horizonte social do grupo, desencadeando reações semiótico-ideológicas (transformando-se em símbolos), é preciso que se relacionem às condições sócio-econômicas essenciais do referido grupo.

Então, fazendo algumas retomadas, podemos dizer que a filosofia marxista da linguagem, para Bakhtin³ (1995), coloca na base de sua doutrina, a enunciação como realidade da língua e, ao mesmo tempo, da estrutura sócio-ideológica. Assim, o discurso interior (sentido que algo tem para determinada pessoa) parte da consciência individual que se constrói pela consciência social (diálogo social). E a consciência individual está impregnada de conteúdo ideológico. Portanto, não existe uma consciência fora da ideologia, embora possa haver modificações ideológicas. As transformações ideológicas acontecem como reação a uma modificação da infra-estrutura (realidade vista como relações de produção e estruturas sócio-políticas derivadas) num processo dialético de transformação social. Essa mesma realidade determina o signo cujas formas são condicionadas tanto pela organização social dos indivíduos quanto pelas condições superestruturais.

Sintetizando, podemos afirmar que a condição da enunciação, em Bakhtin, é afetada pela ordem social e histórica. Ela é uma réplica do diálogo social. Portanto, a consciência individual é reflexo de uma consciência social. A subjetividade só pode ser social e histórica e depende das práticas discursivas.

Passemos agora, a verificar os gêneros discursivos encontrados no corpus da pesquisa citada anteriormente, ao mesmo tempo em que tentaremos relacionar essa produção discursiva que é um reflexo da interação e atividade no meio acadêmico.

2. A situação da escrita na universidade e a origem dos textos

Observou-se que o corpus fornecido para a pesquisa sobre as dificuldades de escrita de textos dissertativo-argumentativos, em geral, serviram sempre de prova para obtenção de nota. Há cursos, como o de Engenharia Elétrica, em que os alunos dificilmente redigem textos, pois a área de conhecimento não requer isso, dizem os professores, embora reconheçam que há alunos com dificuldade, por exemplo, de entender a leitura do problema posto; contudo, fazem cálculos que resolvem problemas e escrevem respostas curtas, objetivas e corretas quanto ao conteúdo. Essas últimas características parecem ser as qualificações essenciais dos gêneros discursivos realmente praticados no ambiente universitário.

² Em meados do século XX, Plekhánov estabeleceu na Rússia, uma base filosófica para a abordagem da obra literária ligada a idéias especificamente marxistas, argumentando que o ser social determina a consciência social. Por isso, para avaliar uma obra de arte, os críticos deviam elucidar o aspecto particular da consciência social ou de classe por ela expressa. Isso deu origem ao chamado “método sociológico” de análise literária a cujo determinismo Bakhtin se opôs.

³ A obra original em que Bakhtin trata desse assunto - *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, escrita em russo e assinada por Volochinov, data de 1929.

Vejamos, na tabela 1, de que áreas da atividade humana relacionadas às ciências e cursos universitários os textos analisados se originaram.

Tabela 1-Origem dos textos analisados

ÁREA DO CNPq	CURSO	SEMESTRE	DISCIPLINA	Nº TEXTOS ANALISADOS	TOTAL
Ciências Exatas e da Terra	Informática	I	- Comput. e Sociedade	10	19
		V	- Sistemas Operacionais I	05	
		XI	- Projetos Graduação	04	
Ciências Biológicas	Ecologia	I	- Histologia Animal	12	21
		V	- Microambiental II	09	
		VIII	- Elaboração de Projetos 2	00	
Engenharias	Eng. Elétrica	III	- Circuitos	12	21
		VI	- Eletrônica Fundamental	07	
		IX	- Centrais Eletrônicas	02	
Ciências da Saúde	Medicina	I ano	- Teologia e Saúde	10	21
		III ano	- Epidemiologia	11	
		V ano	- Bioética	00	
Ciências Sociais Aplicadas	Direito	I	- Introdução ao Direito	00	20
		V	- Direito do Trabalho I	10	
		IX	- Direito Intern. Público	10	
Ciências Humanas	Psicologia	II	- Antropologia Cultural	10	25
		VI	- Psicologia Escolar II	11	
		X	-Sem. de Temas Avanç.	04	
Linguística, Letras e Artes	Letras	I	- Português Redacional	11	24
		IV	- Met. da Literatura	05	
		VII	- Lit. Bras. Contemp.	08	
TOTAL					151

Vemos, portanto, que são sete áreas diferentes de conhecimento, representadas pelos cursos de Informática, Ecologia, Engenharia Elétrica, Medicina, Direito, Psicologia e Letras, com textos oriundos de três disciplinas, de níveis diferentes, de cada curso. Nesses 151 textos surgiram cinco gêneros reconhecidos como especificamente da área acadêmica: ensaio curto, artigo classificatório, comentário, relatório de conceitos e definições, resenha. Observemos a seguir, no Quadro 1, quais áreas de conhecimento efetivamente trabalham com esses gêneros reconhecidos como característicos do ambiente acadêmico e que modalidades retóricas eles representam mais caracteristicamente, tendo em vista que foram solicitados textos do tipo dissertativo-argumentativo.

Quadro 1 – Gêneros discursivos típicos da academia e encontrados no corpus da pesquisa, com suas modalidades retóricas predominantes e área de conhecimento em que foram produzidos

GÊNERO	Área de conhecimento	MODALIDADE RETÓRICA
Ensaio curto (33)	Ciências Exatas (INF- 10 textos) Ciências da Saúde (MED - 10) Ciências Humanas (PSI - 02 textos) Linguística (LET- 11 textos)	Argumentativo/Descritivo/Exortativo
Comentário (20)	Ciências Sociais Aplicadas (DIR-10) Ciências Humanas (PSI- 10 textos)	Descritivo/Argumentativo
Resenha (13)	Linguística (LET- 13 textos)	Descritivo/Argumentativo/Narrativo
Artigo classificatório (9)	Ciências Exatas (INF- 09 textos)	Descritivo/Procedimental
Relatório conceitos/definições (7)	Engenharias (EEL- 07 textos)	Descritivo

Vejamos, em primeiro lugar, que cursos apresentam essa produção de gêneros discursivos já reconhecidos e classificados na literatura específica. Quatro áreas de conhecimento escreveram ensaios, num total de 33 textos oriundos dos cursos de Letras (11), Informática (10), Medicina (10), Psicologia(2). O gênero artigo classificatório surgiu no curso de Informática em 9 textos. O comentário surgiu em 20 textos dos cursos de Direito (10) e Psicologia (10). O relatório de conceitos e definições surgiu no curso de Engenharia Elétrica(12) e a resenha, no curso de Letras (13 textos). Portanto, dos gêneros discursivos reconhecidos como próprios do ambiente acadêmico, tendo em vista que fora solicitada a modalidade de texto dissertativo-argumentativa aos professores dos diversos cursos da UCPel, o gênero que mais circula por áreas de conhecimento e atividades diferentes parece ser o ensaio, seguido do comentário, embora apresentado apenas por duas áreas. Em terceiro lugar aparece a resenha (13), embora contemple apenas uma área (Letras). Em quarto lugar está o artigo classificatório (9) que, assim como o relatório de conceitos e definições (7), último colocado nesta lista dos gêneros já reconhecidos, parece circular em apenas uma área de conhecimento também (Engenharia). São ao todo 82 textos, o que significa que 54,3% dos textos produzidos pelos alunos enquadraram-se nos gêneros discursivos descritos e reconhecidos como próprios para a circulação do saber na universidade. Por outro lado, se levarmos em consideração o pedido inicial de textos de característica dissertativo-argumentativa, pois o objetivo da pesquisa era outro, podemos observar que, nesses cinco gêneros discursivos reconhecidos como próprios da academia, nem sempre essa modalidade predomina ou caracteriza o gênero, embora, parece-nos, os professores colaboradores não tenham percebido isso. Na verdade, à luz de estudos semânticos, como por exemplo os da linha ducrotiniana, podemos justificar a idéia de que a descrição pode ser, também, altamente argumentativa pelo uso de recursos lingüísticos como conjunções, adjetivos, advérbios e orações relativas, por exemplo, com que pressupostos podem ser levantados. Daí, talvez, a origem dessa dificuldade de diferenciação entre a predominância das modalidades nos gêneros discursivos.

Como se observa pelo exposto no Quadro 1, os textos oriundos das áreas de Informática e Engenharia apresentaram gêneros discursivos que embora reconhecidos por circularem no ambiente acadêmico, não são basicamente argumentativos pois usam primordialmente uma modalidade retórica descritiva/ procedimental (no caso do gênero artigo classificatório), ou essencialmente descritiva, como é o caso do relatório de conceitos/definições.

E o que dizer dos restantes 45,7% dos textos produzidos que não se encaixavam no que a literatura específica reconhece e classifica como gênero discursivo de texto escrito e próprio do ambiente acadêmico? Foram ao todo 69 textos dos quais tentamos caracterizar e nomear os gêneros discursivos, naquela ocasião, ainda que de maneira simples - o que exigirá maior detalhamento posterior caso se confirmem ao longo do tempo por meio de outras pesquisas. São eles:

Informativo memorizado - Apresentação de dados, de modo sucinto, objetivo e direto. Apenas informa conteúdos memorizados (deduzimos isso porque, além da mesma nomenclatura estudada, conforme a área de conhecimento, os textos eram quase totalmente iguais);

Comentário memorizado – Reprodução da opinião que foi lida (ou ouvida) em determinado texto, sem acréscimo de outras idéias, de outras vozes que obriguem o autor a se posicionar;

Definições científicas - Reprodução de definições, a partir de conceitos memorizados, a respeito de itens de determinados sistemas;

Respostas nominais - Elaboração de respostas nominais a questões que permitem este tipo de texto por parte do acadêmico;

Informativo reproduzido - Colagem de textos de sites da internet e/ou de textos de livros indicados na bibliografia;

Informativo esquematizado – Apresentação de tópicos sinalizados por flechas, quadros, marcações em negrito e ícones que introduzem conceitos. A utilização de frases desenvolvidas é mínima.

Para melhor compreensão, visualizemos a Tabela 2 que, além de identificar a área de origem e incidência desses textos, os classifica como possíveis gêneros emergentes na universidade.

Tabela 2 – Gêneros discursivos emergentes e as áreas de conhecimento em que surgiram no ambiente universitário

Gênero	Modalidade retórica predominante	Área de Conhecimento	total	
			textos	áreas
Informativo memorizado	Descritivo	Ciências Biológicas (ECO- 12 textos) Ciências Sociais Aplicadas (DIR- 10 textos)	22	02
Comentário memorizado	Descritivo/argumentativo/ Procedimental/exortativo	Ciências Biológicas (ECO- 09 textos) Ciências Humanas (PSI- 11 textos)	20	02
Definições científicas	Descritivo	Engenharias (EEL- 12 textos)	12	01
Respostas nominais	Descritivo	Ciência e Saúde (MED- 11 textos)	11	01
Informativo reproduzido	Descritivo	Engenharias (EEL- 02 textos) Ciências humanas (PSI- 01 texto)	03	02
Informativo esquematizado	Descritivo	Ciências Humanas (PSI- 01 texto)	01	01

Podemos dizer, pela análise desses dados que a área de Ciências Humanas/ Psicologia foi a mais propícia para o surgimento de gêneros emergentes, pois trabalhos realizados no décimo semestre, em uma disciplina intitulada Seminário de Temas Avançados, foram identificados, um como informativo reproduzido e outro, como o informativo esquematizado; já o comentário memorizado surgiu como trabalho do sexto semestre em 11 textos da Psicologia Escolar.

A área de Engenharia/Engenharia Elétrica utilizou-se, em dois textos, do gênero informativo reproduzido e em doze, de definições científicas, segundo nomenclatura criada por nós.

As Ciências Biológicas/Ecologia apresentaram doze textos classificados como informativos memorizados, oriundos da disciplina Histologia animal do primeiro semestre, e outros nove textos como comentários memorizados em trabalhos do quinto semestre, na disciplina Microambiental II.

Da área de Ciências da Saúde/Medicina foram entregues onze textos produzidos em situação de prova e caracterizados como respostas nominais.

Incluiu-se ainda, nestas áreas que apresentaram textos com gêneros não descritos anteriormente, o curso de Direito com dez textos enquadrados como informativo memorizado e escritos por alunos do quinto semestre da disciplina Direito de Trabalho I.

A síntese desses dados é apresentada no Quadro 2:

Quadro 2 – Áreas de conhecimento, cursos, disciplinas e gêneros utilizados

ÁREA DE CONHECIMENTO/ CURSO	DISCIPLINA/ SEMESTRE	GÊNEROS											
		EC *	AC *	IM	IR	IE	CM	C *	DC	RC *	RN	Res *	
Ciências Exatas e da Terra/ Informática	Computação e Sociedade –I	X											
	Sistemas Operacionais – V		X										
	Projeto de Graduação – XI		X										
Ciências Biológicas/ Ecologia	Histologia Animal – I			X									
	Microambiental II - V						X						
Engenharias/ Engenharia Elétrica	Circuitos – III								X				
	Eletrônica Fundamental- VI									X			
	Centrais Eletrônicos – IX				X								
Ciências da Saúde/ Medicina	Teologia e Saúde – I	X											
	Epidemiologia – III										X		
Ciências Sociais Aplicadas/ Direito	Direito do Trabalho I – V			X									
	Direito Int. Público – IX								X				
Ciências Humanas/ Psicologia	Antropologia Cultural – II								X				
	Psicologia Escolar I I – VI						X						
	Seminário T. Avançados- X	X			X	X							
Linguística, Letras e Artes/ Letras	Português Redacional – I	X											
	Metodologia Literatura – IV												X
	Literatura Brasileira Contemporânea - VII												X

EC – Ensaio Curto*⁴

AC – Artigo Classificatório *

IM – Informativo Memorizado

IR – Informativo Reproduzido

IE – Informativo Esquemático

CM – Comentário Memorizado

C – Comentário*

DC – Definições Científicas

RC – Relatório de Conceitos e definições*

RN – Respostas Nominais

Res – Resenha*

Conclusão

Considerando que os textos que compõem o corpus de análise desta pesquisa originam-se no ambiente da universidade, poderíamos imaginar que estariam incluídos apenas os modos de escrita impostos pelas políticas de verdade e as imagens do pensamento e do conhecimento dominantes no mundo acadêmico que, por sua vez, supomos existir. Mas esses enunciados (cada um dos trabalhos) não pode deixar de ser uma resposta, em certo grau, ao que já foi dito sobre o mesmo objeto e a forma de interação social e do conhecimento na universidade. Essas “tonalidades dialógicas” preenchem os enunciados e deverão ser levadas em conta se quisermos compreender até o fim as condições de produção de textos na academia. Apesar de a escrita destes textos ter como índice constitutivo o fato de estar voltada para um destinatário específico, a academia, a composição e o estilo do enunciado dependem da forma como o locutor imagina seu destinatário. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero. Portanto o locutor já está respondendo ao outro, ao produzir o seu texto, concordando, opondo-se, executando, etc., ao mesmo tempo em que presume outra resposta para seu próprio enunciado, o que influi na sua composição.

Acreditamos que, se quisermos saber como funcionam as estruturas de produção, transmissão e controle de conhecimento na universidade, seria bom averiguar quais e como são os gêneros discursivos em que esse processo se refrata. Como esse corpus foi solicitado com uma característica de modalidade retórica específica (dissertativo- argumentativa), tendo em vista que o objetivo inicial da pesquisa era

⁴ Os gêneros discursivos marcados com asterisco são os reconhecidos como próprios do meio acadêmico pela literatura específica.

outro, parece que o gênero ensaio possa ter aparecido de uma maneira artificial como o mais praticado, apenas como um trabalho para contemplar a necessidade da pesquisa. Por outro lado, o ensaio surgiu em disciplinas como Teologia e Saúde, no curso de Medicina; Seminário de Temas Avançados, da Psicologia; Computação e Sociedade, da Informática e no curso de Letras, na disciplina de Português Redacional 1. Ao considerarmos o ensaio um gênero reconhecido no ambiente acadêmico, embora híbrido pois se ancora em tempo e espaço subjetivo e que parece opor-se às regras de pureza e objetividade que regem a academia, veremos, por outro lado, que as disciplinas de onde se originaram os ensaios não fazem parte do rol de conteúdos técnico-científicos desses cursos, ou permitem uma difusão do foco de conhecimento.

Percebemos que os outros gêneros já reconhecidos na academia e presentes no corpus representam produção de textos de áreas de conhecimento dos conteúdos específicos dos cursos, conforme listamos a seguir:

Artigos classificatórios- nas disciplinas de Sistemas operacionais e Projetos de graduação do curso de Informática;

Comentário- na disciplina Direito Internacional Público do Curso de Direito e Antropologia Cultural da Psicologia;

Relatório de Conceitos e Definições- em Eletrônica Fundamental no curso de Engenharia Elétrica;

Resenha- nas disciplinas de Metodologia da Literatura e Literatura Brasileira Contemporânea do Curso de Letras.

No entanto, outras formas de discurso surgiram, com já mostramos e se aproximam dos gêneros primários caracterizados por Bakhtin, como as Respostas Nominais da disciplina de Epidemiologia da Medicina, e os Informativos memorizados em que os textos repetem dados de forma decorada, idêntica, encontrados nas disciplinas de Histologia Animal da Ecologia e Direito do Trabalho, do quinto semestre do Direito. Todos são essencialmente descritivos.

Numa tentativa de passagem para gêneros secundários, surgem os Informativos Reproduzidos que buscam a polifonia em textos da Internet e fazem uma colagem bastante desarticulada, já que, em geral, inexistem períodos de transição que justifiquem os pontos de vista diferentes ou articulem os dados expostos. Esse gênero foi observado no nono semestre de Engenharia Elétrica, na disciplina de Centrais Eletrônicas, e no Seminário de Temas Avançados no décimo semestre da Psicologia. Como Informativo Esquemático surge ainda, outro texto da Psicologia em que o desenvolvimento das idéias se dá por tópicos verbais sinalizados por flechas, chaves e figuras. Não há quase frases completas. Talvez o texto escrito reflita a situação de Seminário para o qual ele é produzido e, provavelmente desenvolvido de forma oral. Assim como os Informativos Reproduzidos, os Informativos Esquemáticos são descritivos predominantemente.

Os Comentários Memorizados, apresentados pela Ecologia em trabalho de Microambiental II, e pela Psicologia Escolar II, referem-se a textos que reproduzem opinião alheia, sem que o aluno escritor declare seu ponto de vista. Ou então, ele apresenta uma aderência completa ao “outro”, o que se sabe, também não poderia ser autêntico. Por fim, temos as Definições Científicas, a única forma verbalizada que expressou o conhecimento por escrito em Circuitos III da Engenharia Elétrica.

Como se vê, muitos desses gêneros emergentes na academia exigem, basicamente, muita memorização. Além disso, não são, na sua maioria, dissertativos, como se supunha, e, sim, descritivos, ainda que se saiba poder essa modalidade levantar pressupostos argumentativos.

Parece que a apresentação da argumentação e justificabilidade das conclusões, no dia-a-dia da escrita na maioria das áreas de conhecimento da academia está quase banida para dar lugar à descrição da investigação empírica de forma sintética, ou à descrição memorizadas de formas de conhecimento, numa total dependência intelectual, motivada, entre outras razões, posso sugerir, por falta de condições de pesquisa.

Por outro lado, essa emergência de novos gêneros discursivos, que representam as formas de comunicação da vida acadêmica, poderá significar que a universidade está mudando, e esse repertório de formas do discurso é resultado da comunicação sócio-ideológica do grupo social que a constitui, neste momento em que se dá esta pesquisa? Ou a universidade, em geral, tenta impor gêneros discursivos que não são representativos das relações estabelecidas na sala de aula, durante a construção do saber? Como já foi dito anteriormente, entre as formas de interação verbal, a forma de enunciação e o tema existe uma unidade orgânica indestrutível que se baseia no componente hierárquico do processo de interação verbal - ou seja - o domínio das relações sociais sobre as formas de enunciação.

E ainda, com base na teoria de Bakhtin, podemos perguntar qual é o horizonte social dos alunos da universidade, tendo em vista que dele dependerá a inserção dos objetos que darão origem aos signos, e à atribuição do valor que afeta o conteúdos desses signos. Em outras palavras, pergunto como as atividades universitárias se inserem no horizonte social dos alunos, tendo em vista que a realidade da vida acadêmica dever-se-ia relacionar às condições sócio-econômicas essenciais desses mesmos alunos, para

que façam sentido. Gêneros discursivos contróem-se com a vida que se vive, suas necessidades e suas conquistas.

Vê-se que a universidade ignora grande parte da produção escrita de conhecimento expresso por seus alunos ao longo dos cursos, uma vez que não a considera qualificada para ser lida e publicada; mas essa produção vale para avaliação do conhecimento científico, e expressa o discurso das disciplinas, o que parece incoerente. E, como se comprovou, a existência desses gêneros emergentes não acontecem apenas nos semestres iniciais, quando, talvez o aluno não tenha alcançado o ponto de “construção do conhecimento” que lhe permita por meio da redação acadêmica produzir esse conhecimento.

Além disso, se considerarmos que, para contemplar os objetivos iniciais da pesquisa foram pedidos textos dissertativo-argumentativos e se os textos dissertativo-argumentativos caracterizam-se, principalmente por discutir valores, parece, pelos dados do corpus, que esse aspecto é o menos desenvolvido.

Comprova-se, com tudo que foi analisado, que os gêneros discursivos, além de serem reflexos das esferas de atividade humana, refratam as relações econômico-sociais e históricas das instituições e comunidades que os produzem. Assim, os gêneros mais complexos e de prestígio na academia são excludentes com relação ao que é produzido no dia-a-dia universitário, pois estabelecem fronteiras racionais do que pode ser dito e como, embora o mundo acadêmico também já comece a perceber que está ouvindo, seguidamente, as mesmas coisas, pelas mesmas vozes oficiais, graças, talvez, à obrigatoriedade instituída pela máxima “publish or perish”.

RESUMO: Este artigo relata como uma pesquisa sobre as dificuldades de escrita de estudantes revelou a existência de gêneros de discurso emergentes na universidade - uma vez que eles são o reflexo das atividades humanas, constantemente renovadas - e representam maneiras de interação no ambiente acadêmico em que os textos foram escritos.

PALAVRAS-CHAVE: atividades humanas; gêneros de discurso; interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. The Problem of Speech Genres. In: EMERSON e HOLQUIST (eds.) *Speech Genres and other late Essays*. Austin University of Texas Press, 1986. Pp.60-102.

_____. *Estética da criação verbal*. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7 ed., São Paulo: Hucitec, 1995 (original russo 1929).

ELICHIRIGOITY, M.T. et al. O movimento do texto nas diferentes áreas do saber da universidade. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada - A Linguagem como Prática Social*. Minas Gerais, Belo Horizonte: ALABCDR01, 2002.